



## Sem diversidade (sexual) há Agroecologia? Proposta de uma agenda política *Without (sexual) diversity There is Agroecology? Proposal of a policy agenda*

PINTO, Luiz Henrique Rocha<sup>1</sup>; CALBINO, Daniel<sup>2</sup>  
<sup>1</sup> UFSJ, luizhrochap@gmail.com; <sup>2</sup>UFSJ, dcalbino@ufsj.edu.br

### Eixo temático: Juventudes e Agroecologia

**Resumo:** A agroecologia se posiciona como uma forma de produção e relação que visa à diversidade ecológica, respeitando as diferenças em um agroecossistema. Porém, se parte da literatura tem avançado nos processos de produção agrícola alternativa, consideramos também necessário analisar os sujeitos que participam das ações. É neste contexto que o ensaio tem por objetivo sustentar a inclusão da diversidade sexual na agenda da agroecologia. A partir de uma revisão teórica, assumimos que as bases ontológicas do movimento agroecológico têm o potencial de ampliar formas de inclusão, superando assim, o padrão heteronormativo da sociedade. Por fim, abre-se espaço para uma agenda política que inclua no plano teórico e empírico o tema para a área.

**Palavras-chave:** Gênero, Agroecologia, Diversidade, LGBTQ.

**Keywords:** Gender, Agroecology, diversity, LGBTQ.

### Introdução

Parafraseando o lema “sem feminismo não há agroecologia”, constituído pelo Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia-ANA, neste trabalho temos por objetivo trazer uma reflexão teórica acerca da relevância de se pensar também as questões da diversidade sexual para dentro do contexto agroecológico. Assumimos enquanto pressuposto que a agroecologia tem sido um caminho coletivo de construção de uma filosofia de vida que, a partir de pensar uma forma alternativa ao *mainstream* de se fazer agricultura, propõe relações justas, equitativas e equilibradas entre as pessoas e o ambiente.

Da mesma forma, se a agroecologia se posiciona como contraponto à cultura monogâmica de produção no meio ambiente, do ponto de vista ontológico, não seria coerente transpor a relação binária e unilateral dos padrões normativos tipificados apenas no gênero homem e mulher? Neste cenário, ressaltamos que os temas da diversidade sexual ainda se situam de maneira pouco visível dentro do movimento agroecológico, pelo menos nos congressos nacionais da área. A partir desta contestação, o Grupo de Trabalho de Juventude da ANA, na plenária promovida no IV Encontro Nacional de Agroecologia em Belo Horizonte, em 2018, apontou para a importância de abrir espaços que afirmem a identidade das discussões do LGBTQ, assim como outros grupos que possam se fortalecer dentro da agroecologia.

Apresentaremos neste breve ensaio uma discussão à luz das teorias do gênero de Joan Scott e Judith Butler, como um caminho lógico que pode dialogar com as bases teóricas da concepção de agroecologia, propostas por Altieri, Gliessman, Corporal e Costabeber. Por fim, sistematizaremos um conjunto de ações teóricas e empíricas, iniciais para a discussão dentro do movimento agroecológico.



## Metodologia

O artigo adotou enquanto percurso metodológico uma pesquisa bibliográfica, definida pela busca da resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados. Esse tipo de pesquisa traz subsídios para o conhecimento, ao tratar e analisar um determinado assunto apresentado e consolidado na literatura científica (BOCCATO, 2006). Assim, foram analisados artigos e livros científicos oriundos da literatura já existente a respeito da base das teorias do gênero, bem como, os autores clássicos na compreensão teórica e propositiva da discussão dentro da agroecologia.

## Resultados e Discussão

### *Para além do binário homem x mulher: As teorias do gênero*

Estima-se 8,7 milhões de espécies de seres vivos no mundo. Destas, no entanto, foram descritas e catalogadas apenas 953.434 espécies animais, e 215.644, espécies vegetais (AGENCIA FAPESP, 2011). Se considerarmos que o *homo sapiens*, representa apenas uma espécie, não seria inexpressiva do ponto de vista biológico a reprodução humana (sexuada e monogâmica) para a maioria das culturas ocidentais? O que poderia explicar a tendência de um determinismo sexual, diante das diversas formas entre as espécies?

Joan Scott (1995) na clássica obra “Gênero: uma categoria útil para análise”, aponta que a ideia de sexo e gênero é um meio de classificar fenômenos, de acordo com um sistema de distinções socialmente acordados. Ou seja, ao tipificar o sexo do ponto de vista biológico, a partir de um órgão genital, determinamos também os papéis sociais e as formas de agir em sociedade, a partir do gênero (Homem e Mulher) e da identidade sexual heteronormativa (homem e mulher enquanto um casal). Esse fenômeno, no entanto, não é algo natural, mas definido e modificado historicamente. Michel Foucault, na seminal trilogia a história da sexualidade, vem mostrar como o sentido do sexo alterna ao longo da história recente (Grécia antiga, sociedade medieval, sociedade moderna). Se na Grécia as relações sexuais nunca foram um tabu, bem como, as relações homoafetivas eram “normais” entre homens, é na idade média que a homossexualidade passa a ser vista como pecado, e no século XIX, como uma doença a ser sanada.

Além disso, a construção do sexo e do gênero a partir da tipificação genital, desconsidera e condena qualquer outra forma de mutação ou atrofia que fuja ao parâmetro convencional. É neste sentido que Judith Butler (1990) assume que ninguém nasce homem ou mulher, mas aprende socialmente a desempenhar esses papéis. É a partir de uma construção social que um conjunto de valores passam a determinar como um indivíduo deve viver em sociedade, seguindo normas específicas, dentro do binário (homem e mulher). Em contraponto, a luta pela liberdade sexual se posiciona como uma forma de reconhecer diversos modos culturais e corporais em que se vive. Discutir o gênero abre possibilidades de



encontrar um próprio modo de vida em um mundo que confronta a todo momento com normas sociais estreitas. Afirmar a diversidade do gênero é assumir a complexidade humana e criar espaços para os indivíduos encontrarem seu próprio caminho nessa complexidade. Além disso, a diversidade de gênero amplia as demandas de reconhecimento para todas as pessoas que buscam viver o gênero e a sexualidade sem estigma ou sob a ameaça da violência. Quem vive fora da norma, merece estar no mundo sem medo, merece amar e existir, buscar a criação de um mundo menos desigual (BUTLER, 2019). E nesta plataforma, a agroecologia não seria um caminho de trabalho e vida acolhedor?

### *Concepções teóricas na agroecologia e seu potencial na diversidade sexual*

Não raras vezes, a agroecologia tem sido definida como um modelo de agricultura, um produto ecológico, ou uma prática agrícola. Isso, contudo, além de reduzir o seu significado, não considera a potencialidade de apoiar processos de desenvolvimento mais amplos (CARPORAL; COSTABEBER, 2002). Essa visão estritamente técnica tem o seu sentido no início da origem etimológica, cunhada no início da década de 1930. Na época, emergiu o esforço de estabelecer um cruzamento a partir do desenvolvimento de uma ecologia aplicada à agricultura. Contudo, nesta primeira década, a aproximação da ecologia para investigações mais experimentais de sistemas naturais foi abandonada, e deixando a agricultura na responsabilidade dos agrônomos (GLIESSMAN, 1997). No final dos anos de 1950 o amadurecimento do conceito de ecossistema deflagrou interesse na ecologia dos cultivos, fornecendo assim, uma estrutura básica para examinar a agricultura a partir de uma perspectiva ecológica. Neste mesmo sentido, nas décadas de 1960 e 1970, o interesse em aplicar a ecologia à agricultura gradualmente ganhou ímpeto, a partir da influência crescente de abordagens em nível de sistemas e consciência ambiental. Na medida em que mais ecologistas passaram a legitimar o estudo de sistemas agrícolas, a área de agronomia intensificou os valores na perspectiva ecológica, ampliando as bases da agroecologia.

Com o crescimento de sua influência nas décadas de 1980 a agroecologia passou a incorporar as ideias de um desenvolvimento sustentável na agricultura, abarcando uma perspectiva transversal e interdisciplinar do tema. É neste contexto que parte da literatura assume a concepção da agroecologia como um estudo de processos econômicos e de agroecossistemas, se portando como agente de mudanças sociais e ecológicas complexas (GLIESSMAN, 1997). Não é por menos que Altieri (1989) passa a definir a agroecologia como uma agricultura alternativa que incorpora o funcionamento ecológico necessário para uma agricultura sustentável, mas ao mesmo tempo incorpora princípios de equidade de produção, de maneira que suas práticas permitam um acesso igualitário aos meios de vida. Neste sentido, Carporal e Costabeber (2002) consideram que ao incorporar os princípios da ecologia, agronomia, sociologia, antropologia, a agroecologia passa a dialogar com dimensões que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ecológicas, como variáveis culturais, políticas e éticas. A partir desse momento, a agricultura baseada nestes princípios passa a abranger não só os objetivos de produção mas também melhorias na qualidade de vida dos contextos envolvidos. As dimensões da discussão das formas coletivas de interação social (a partir de temas como



economia solidária e autogestão), bem como a atuação da inclusão do gênero, se situam coerentes e centrais dentro do movimento agroecológico.

Com base nos conceitos apresentados, podemos observar que a concepção teórica da agroecologia tem mudado ao longo da sua recente história etimológica. Ao se posicionar como um contraponto a cultura de produção convencional, a agroecologia passou também a ampliar a sua abordagem para a inclusão das relações sociais entre os sujeitos. É neste cenário que parece coerente a inclusão das discussões da diversidade sexual, como um meio de ampliar as bases do movimento agroecológico.

### *Para uma agenda política no movimento agroecológico*

Em sintonia com o Grupo de Trabalho de Juventude da ANA, compartilhamos da importância de se abrir espaço para que se afirmem a discussão da diversidade sexual dentro do movimento agroecológico. Neste sentido, abordamos enquanto um primeiro ponto de proposição, a abertura no foco e escopo dos trabalhos científicos para estudos que tragam como objeto a relação dos sujeitos e suas formas de sexualidade na agroecologia. Sugerimos que nos próximos congressos e editoriais das revistas especializadas, haja o incentivo de estudos acadêmicos que dimensionem (i) as formas de manifestação do gênero no contexto da produção agroecológica (ii) suas percepções e atitudes, (iii) os desafios e preconceitos no meio rural, (iv) experiências e relatos de avanços de inclusão do tema na área como caminhos para a constituição de pesquisas para dentro da agroecologia.

Abordamos ainda que uma segunda possibilidade de agenda pode ocorrer nas próprias oficinas de trabalho nos eventos da área. O papel da juventude no protagonismo da inclusão social e ampliação das formas de compreensão do gênero podem materializar um conjunto de ações a partir da ampliação dos debates sobre a diversidade sexual entre os envolvidos. Por fim, a articulação das temáticas da biologia, dos meios reprodutivos e da preservação das diversas formas de espécies (a que a produção agroecológica se situa), parece inclusive dialogar com alternativas estéticas que as teorias do gênero podem ser abarcadas no movimento. Desta forma, manifestações culturais sobre as interfaces entre as duas temáticas se mostram como um conjunto de ações estratégicas para fomentar o diálogo dentro da área.

### **Conclusões**

A partir de uma discussão teórica, ilustramos como o conceito de agroecologia tem mudado historicamente, caminhando para formas mais amplas e interdisciplinares do saber. Neste contexto, a agroecologia se coloca como um terreno fértil que pode abarcar em suas discussões teóricas e empíricas a temática da diversidade sexual. Enquanto as concepções da agroecologia se aproximam dos esforços da sustentabilidade em um sistema agroecológico, ainda se faz necessário compreender e assumir que o diferente é uma forma de manter coerência com um efetivo agroecossistema que respeita e se equilibra no diverso. Desta forma,



respondemos provocativamente ao título desse trabalho, na qual parece contraditório se fazer agroecologia sem diversidade. E a dimensão sexual não seria uma categoria à parte.

## Referências bibliográficas

AGENCIA FAPESP. **Cientistas calculam quantas espécies existem.** 2011. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/cientistas-calculam-quantas-especies-existem/14383/>. Acesso em 04 julho 2019.

ALTIERI, M. A. Agroecologia: princípios e estratégias para a agricultura sustentável na América Latina do século XXI, [online]. 1989.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol.** Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BUTLER, Judith. **Gender trouble:** feminism and subversion of identity. New York: Routledge, 1990.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: enfoque científico e estratégico. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.2, p.13-16, abr./jun. 2002.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecology:** ecological processes in sustainable agriculture. Chelsea: Ann Arbor Press, 1997.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1995.